

## Dewey e Dennett: dos fundamentos do naturalismo evolutivo aos fundamentos da educação

José Cláudio Morelli Matos

Professor Adjunto de Filosofia da Educação da UDESC

### Resumo

Este estudo parte das referências a John Dewey feitas por Daniel Dennett, para discutir como as concepções pedagógicas do primeiro se inscrevem no horizonte do naturalismo evolutivo de inspiração darwiniana. A ideia de continuidade entre natureza e experiência, presente na obra de Dewey, é um princípio teórico de amplo alcance, que se pretende aproximar, neste trabalho, do chamado *princípio de acumulação de projetos*, proposto por Dennett. Sob este viés, a concepção geral de educação mantida por Dewey, a emergência das instituições e valores sociais da vida compartilhada, e as habilidades de comunicação e significado, são características cuja origem remonta ao processo evolutivo, e cuja função envolve a mútua adaptação entre os indivíduos e seus ambientes. A própria educação é vista como o instrumento pelo qual os grupos sociais processam e reconstruem os componentes epistemológicos, morais, técnicos de sua vida.

**Palavras-chave:** Dewey; Dennett; Evolução; Naturalismo; Educação.

### Abstract

This study starts from the references about John Dewey made by Daniel Dennett, in order to discuss how the pedagogic conceptions of the former are enlisted in the framework of Darwinian evolutionary naturalism. The idea of continuity between nature and experience, present in Dewey's work, is a wide theoretical principle which, in the present work, is approximated to the - so called - *principle of accumulation of projects*, as proposed by Dennett. Under this view, the general conception of education, embraced by Dewey, the emergence of social institutions and values of the shared life, and the abilities of communication and meaning are characters whose origin points to the evolutionary process and whose function involves the mutual adaptation between individuals and their environments. Education itself is considered as a tool by which the social group processes and reconstructs the epistemological, moral and technical components of their life.

**Keywords:** Dewey; Dennett; Evolution; Naturalism; Education.

## Introdução

**E**ste trabalho tem o objetivo de refletir acerca dos fundamentos da educação segundo uma leitura naturalista evolutiva do pensamento de John Dewey. Mais precisamente, espera-se discutir a interpretação que Daniel Dennett faz das ideias de Dewey, e mostrar que as concepções encontradas por Dennett nas discussões deweyanas acerca da cosmologia, da ordem natural e da evolução também fundamentam a noção geral de educação, desenvolvida principalmente na obra *Democracia e Educação* (1916). O pressuposto geral do argumento aqui apresentado é que a teoria da educação de Dewey possui seus fundamentos em uma visão evolutiva da vida e da sociedade, e tal visão se baseia na interpretação do significado filosófico do pensamento de inspiração darwiniana. O pressuposto específico é que Dennett, ao reconhecer que o início do pensamento darwiniano em filosofia remonta ao trabalho de Dewey, põe em destaque concepções deste pensador que parecem ter um importante papel na forma como Dewey se ocupa da educação. Discutir a teoria pedagógica de Dewey em diálogo com autores contemporâneos como Dennett é uma tentativa de recontextualizar o legado do filósofo e educador americano. É também uma tentativa de situar esta teoria em relação aos desenvolvimentos posteriores da filosofia naturalista, que afinal de contas teve em Dewey um de seus primeiros proponentes.

A filosofia da educação é um campo fértil para reflexões, num momento da história em que grandes estruturas do pensamento tradicional estão sendo postas em questão. Uma destas grandes questões da atualidade, cujas respostas impactam de diferentes modos na filosofia da educação é a da relação entre o ser humano e a natureza. Contudo, deve ser feita uma importante ressalva: exigir desta reflexão a possibilidade de imediato emprego no cotidiano educacional é negligenciar a natureza mesma da filosofia. Embora voltada para as questões da vida e da prática cotidianas, a filosofia – e em especial aqui a filosofia da educação – não deve render-se ao imediatismo apressado, sob pena de recair num discurso infundado. A filosofia é uma atividade de rigorosa e cuidada reflexão sobre os

fundamentos segundo os quais certas coisas podem ser pensadas e interpretadas. Nesta reflexão, cada época propõe seus problemas próprios e atribui significado a problemas tradicionais, conforme seus próprios interesses.

A investigação aqui desenvolvida é um esforço argumentativo que toma as obras de Dewey e de Dennett como instrumentos de pensamento. O método que põe este esforço em andamento envolve interpretar estes instrumentos segundo problemas e questões que seus próprios autores formularam. Mas este método envolve também fazer uso de tais instrumentos – as obras dos autores – a fim de abordar questões que o contexto atual convida o filósofo da educação a propor. Nem sempre tais questões possuem direta aplicação ao cotidiano educacional. Muitas delas, como, por exemplo, a da função da educação, são questões de fundamento mais do que da prática pedagógica cotidiana. Não deixam, contudo, de ser relevantes por causa disso, conforme se espera mostrar aqui.

### Dewey naturalista

John Dewey cunhou o termo “naturalismo empírico” (Dewey, 1929, p. ii) para se referir ao que ele concebia, sobretudo, como um modo de conduzir a reflexão filosófica, de forma a reintegrar em uma continuidade os aspectos da experiência e da natureza. Na obra publicada em 1925, intitulada justamente *Experiência e Natureza*, ele assim se pronuncia: “O título deste volume, *Experiência e Natureza*, intenta significar que a filosofia aqui apresentada pode ser denominada naturalismo empírico ou empirismo naturalista” (Dewey, 1929, p. 1). A reintegração do mundo humano e do mundo natural - que em outras filosofias da tradição são considerados pólos de uma oposição ou dicotomia - é o que Dewey propõe ao unir os termos “experiência” e “natureza”. Na introdução do livro *Reconstructing Democracy, Recontextualizing Dewey* (2008), Jim Garrison afirma: “Dewey, o neo-darwinista, pensava que vivíamos em um mundo sempre evoluindo que exigia a contínua reconstrução de ideias e de ideais para sobrevivermos e prosperarmos” (Garrison, 2008, p. 1). Por causa disso, a própria filosofia que Dewey desenvolve acaba indicando o tipo de leitura

que dela se deveria fazer. Um dos princípios fundamentais do seu pensamento, como bem se sabe, é a superação de dualismos pela aplicação do princípio da continuidade. Dennet, por sua vez, reconstrói o sentido da obra de Dewey ao fazer referências a tal obra no seio de seu próprio discurso. Esta reconstrução visa à adaptação do ideário deweyano ao contexto atual do debate sobre as implicações da evolução para a filosofia. O que se espera neste trabalho é refinar a interpretação da pedagogia de Dewey, por meio da consideração de suas noções fundamentais, sob o pano de fundo do pensamento de Dennett.

Em coerência com seu postulado naturalista evolutivo, Dewey emprega princípios teóricos de inspiração darwiniana para fundamentar sua concepção de educação. Este ponto, na verdade, é bem conhecido dos estudiosos do autor. O próprio prefácio de seu tratado *Democracia e Educação*, afirma a relação de sua concepção de democracia com as “ideias de evolução nas ciências biológicas” (Dewey, 1959, p. ii). Mas, a partir do exame do pensamento de Dennett, na medida em que este importa para a presente discussão, algumas consequências desta admissão do naturalismo para a educação podem ser melhor esclarecidas. Uma delas diz respeito ao papel de processos naturais automáticos, desprovidos de intenção e propósito, na construção e desenvolvimento de estruturas individuais e sociais relativas à educação.

Para Dewey, processos e regularidades naturais, inicialmente sem propósito ou finalidade, são a origem do gradativo aumento de complexidade da vida, ao ponto de tornar imprescindível que uma educação formal e instituída seja fornecida aos membros mais jovens das sociedades. Afirma ele que “à medida que a civilização progride, aumenta a diferença entre a capacidade dos mais novos e os interesses dos adultos” (Dewey, 1959, p. 8). Esta separação gradativa observada entre capacidades individuais e interesses sociais exige uma resposta adaptativa, a fim de que a transmissão e modificação da herança acumulada por uma sociedade não sofra perdas significativas. Como consequência, “a tarefa de ensinar certas coisas é cometida a um número especial de pessoas” (Dewey, 1959, p. 8). A educação progressista e democrática, proposta por Dewey, é uma

estratégia adaptativa tornada possível porque evoluiu de formas mais simples de educação, que evoluíram, por sua vez, de formas mais simples de transmissão da vida social.

Este processo de surgimento e de estruturação da educação formal possui todas as principais características de um processo evolucionário. Uma delas, cujo entendimento é grandemente facilitado com a ajuda de Dennett, é que dadas as condições ambientais adequadas, a evolução da educação difusa em direção à educação formal é um resultado necessário, quase automático, do crescimento da complexidade na vida social. Agora, se a leitura empreendida aqui espera ser fiel a Dewey a ponto de levar a sério sua recomendação da aplicação do princípio da continuidade, é preciso reconhecer a continuidade entre a vida natural e a vida em sociedade.

Dewey afirma que a “vida significa uma contínua readaptação do ambiente às necessidades dos organismos vivos” (Dewey, 1959, p. 2). Com isso ele pretende empregar a palavra “vida” em um sentido tanto biológico como social, já que ambas as esferas são contínuas uma com a outra. Mais adiante ele completa seu argumento com a conclusão de que “a educação, em seu sentido mais lato, é o instrumento dessa continuidade social da vida” (Dewey, 1959, p. 2). O aspecto naturalista evolutivo desta noção de educação não é um mero sintoma, ele não é acessório, não é um detalhe. A postura naturalista evolutiva que autoriza Dewey a formular um argumento que “aplica o princípio da continuidade” (Dewey, 1959, p. 2) é a mesma que, para fins deste trabalho, autoriza a referência a Dennett, na medida em que este pensador mais recente é um reconhecido representante do esforço de abordar a filosofia sob o olhar naturalista.

Larry Hickman considera o naturalismo deweyano e enfatiza suas diferenças em relação a outros projetos de naturalização da filosofia. Em seu artigo, “Evolutionary naturalism, Logic and Lifelong Learning: Three Keys to Dewey’s philosophy of Education” (2008), Hickman defende o aspecto construtivo do naturalismo de Dewey e relaciona o seu “método evolutivo” com os fundamentos de uma filosofia da educação que fortaleça a vida democrática e a adaptação a um ambiente social em mudança. Em sua análise, a compreensão obtida da obra de Dewey resulta em “uma forma

aceitável de naturalismo, que é unida por uma bem-estruturada teoria da investigação a uma robusta filosofia educacional que inclui um comprometimento com programas de aprendizado para a vida toda” (Hickman, 2008, p. 121). A concepção geral de educação é situada por Hickman no próprio cerne do naturalismo Deweyano, constituindo assim a parte construtiva de sua concepção filosófica mais geral. Chama atenção ainda, neste comentador, o emprego do termo “naturalismo evolutivo”, que é adotado na presente investigação para referir-se à atitude de Dewey ao abordar as questões da filosofia.

### As alusões a Dewey em *A Perigosa Ideia de Darwin*

Daniel Dennett já era conhecido no cenário filosófico contemporâneo quando escreveu a obra *A Perigosa Ideia de Darwin* (publicada inicialmente em 1995). Este livro é uma ampla discussão da teoria da evolução de Darwin, e de sua tradição. É dirigido a um público mais diversificado e não necessariamente a leitores de filosofia técnica. Mas isso não significa que se trate de um trabalho superficial ou panfletário. Do mesmo modo como o próprio Dewey fez algumas décadas antes, Dennett em *A Perigosa Ideia de Darwin* trata de questões filosóficas profundas, relacionando-as a outros campos do conhecimento, e tenta envolver neste tratamento um conjunto vasto de interesses teóricos. Dennett expressa em seu livro uma compreensão dos problemas filosóficos a partir de uma séria consideração da evolução, do processo chamado “seleção natural” e, em geral, da herança darwiniana no pensamento contemporâneo. Claro que todo o seu discurso está sujeito à crítica e a muitas objeções. Ainda assim, pela recepção que os estudiosos têm dado à sua obra, parece que *A Perigosa Ideia de Darwin* constitui um conjunto de concepções digno de atenta consideração.

No livro, Dennett faz duas referências diretas a John Dewey: no capítulo três, “Ácido universal” e no capítulo catorze “A evolução dos significados”. A sua discussão se refere a dois temas de grande importância tanto no pensamento de Dewey como do seu próprio: O tema da ordem e complexidade dos processos naturais, objeto do capítulo três, e o tema do significado, objeto do capítulo catorze. Em ambos os casos o texto a que

Dennett se refere é o artigo de Dewey “The influence of Darwinism on Philosophy”. Este trabalho foi publicado inicialmente em 1909, mas sua edição mais conhecida - e citada por Denett - é a de 1910.

Interessante observar que Dennet refere-se ao artigo de 1910, mas não a outras obras de Dewey. Claro que tal artigo é, reconhecidamente, a principal manifestação (mas não a única) presente na vasta obra de Dewey acerca da relação existente entre a ideia de Darwin e as questões da filosofia. Dewey escreveu este artigo para defender que a revolução darwiniana provoca mudanças definitivas na filosofia – entre estas mudanças inclui-se sua própria adoção da atitude naturalista evolutiva. Ao longo dos anos seguintes, Dewey permanece coerente com as alegações feitas em 1910 e, ao escrever *Democracia em Educação*, publicado seis anos depois, logicamente mantinha a cosmovisão evolutiva em séria consideração.

Uma das questões suscitadas por estas referências é a de como Dennett se apropria das noções de Dewey em seu próprio projeto. Responder a tal questão envolve tentar compreender como Dennett chega a constituir suas próprias teses, a partir da forma como interpreta o legado naturalista de seus predecessores, principalmente o do próprio Dewey. Contudo, não é esta a principal questão que a presente discussão se propõe a tratar. A questão aqui abordada pode ser formulada em termos de como as concepções desenvolvidas por Dennett impactam na compreensão que um leitor teria, atualmente, do pensamento de Dewey. Ou seja, o procedimento aqui apresentado permite à interpretação percorrer o caminho inverso e lançar alguma luz, proveniente dos estudos filosóficos mais atuais, sobre conceitos que formam a base teórica da teoria educacional de Dewey, apresentada em sua obra de 1916, *Democracia e Educação*. Em outras palavras, está em questão a leitura dennettiana da filosofia de Dewey, na medida em que esta leitura leva a conclusões acerca da forma como se compreende a obra deste último, e em especial a sua concepção geral de educação. A concepção que chamamos de geral é esta que foi expressa na passagem acima citada, segundo a qual a educação é um instrumento da continuidade da vida. A educação, para Dewey, emerge de um processo

gradual de evolução, e então passa a ter uma função de reforço neste próprio processo (Matos, 2010).

Um comentador que já havia anunciado a possibilidade deste empreendimento é Jerome Popp. Ele publicou em 2007 um livro cujos principais objetivos podem ser descritos como: i) argumentar a favor de que Dewey seja tomado como o primeiro e um dos principais filósofos a assumir profundamente as consequências da revolução darwiniana para a filosofia, ii) argumentar que a conhecida concepção deweyana de democracia não é um fim último, mas sim um mecanismo para possibilitar a consecução de um fim maior e mais fundamental, que é o crescimento ou a continuidade e iii) recontextualizar o naturalismo de Dewey face às realizações filosóficas dos últimos anos, e entre elas, o trabalho de Daniel Dennett. Neste seu livro, *“Evolution’s First Philosopher – John Dewey and the continuity of nature”* (2007), Jerome Popp enfatiza a relação de proximidade entre Dewey e Dennett da seguinte maneira:

Muitos dos escritos de Dewey são dirigidos à revisão das concepções filosóficas tradicionais. Ele, como Dennett depois dele, foi tocado pela questão do que as descobertas de Darwin significam para a filosofia (Popp, 2007, p. 4).

Popp enfatiza o uso do termo “naturalismo” para se referir a Dewey e Dennett, por causa do papel central que o saber científico - nomeadamente a teoria darwiniana da evolução - ocupa na estrutura do pensamento de um e outro. Não se deve estranhar que Dennett, indo nesta direção, faça considerações que vão numa direção muito próxima daquela tomada por Dewey, quase cem anos antes. De fato, Dennett segue em muitos aspectos a trilha aberta anteriormente por pensadores simpatizantes de Darwin, como o próprio John Dewey.

**As visões darwinianas em *Democracia e Educação***

A cosmologia evolutiva presente nos primeiros capítulos de *Democracia e Educação* fundamenta a definição mais geral de educação que Dewey emprega como alicerce de sua estrutura argumentativa. Nos primeiros parágrafos da obra, Dewey apresenta suas concepções acerca da vida. Aparece em seu discurso a consciência profunda do tipo de processo ao qual a vida está sujeita. Segundo o autor:

Ao passo que se extinguem algumas espécies, surgem outras mais aptas a se utilizarem dos obstáculos contra os quais as extintas lutaram em vão. A continuidade da vida significa uma contínua readaptação do ambiente às necessidades dos organismos vivos (Dewey, 1959, p. 2).

Dewey ressalta a necessidade de adaptação a fim de que os traços característicos dos seres vivos sejam perpetuados e transmitidos às novas gerações. Este adaptacionismo, entretanto, não fica circunscrito apenas à vida em seu sentido físico. A mesma concepção evolucionária é observada por Dewey no que toca à vida social. Logo, o ser humano em sociedade está, para Dewey, submetido do mesmo modo aos processos naturais, tais como o processo de seleção adaptativa de caracteres. E a própria sociedade, tornada possível pela comunicação entre os indivíduos, é uma estrutura que possui função adaptativa no processo de constante crescimento da vida. A linguagem simbólica, o comportamento social, a inteligência e a própria consciência individual são capacidades desenvolvidas por nós seres humanos ao longo deste mesmo processo.

Este modo de pensar não representa meramente um inatismo das capacidades humanas complexas, tais como se apresentam. Esta seria uma opinião fixista, anti-evolucionista e pré-darwiniana. O naturalismo representa a visão de que as capacidades complexas se desenvolvem por meio da interação adaptativa dos indivíduos com o meio natural e social com o qual eles interagem. Segundo Jim Garrison: “Para Dewey, liberdade, direitos, racionalidade e individualidade são imperativos sociais contingentes dependentes da investigação inteligente e não dotes inatos” (Garrison, 2008, p. 2). A natureza humana é plástica, justamente para

permitir a aprendizagem e conseqüente adaptação recíproca com o ambiente em mudança. Por isso é que o pensamento reflexivo precisa ser estimulado pela educação, ou, em caso contrário, os indivíduos podem vir a não desenvolver plenamente esta função adaptativa em suas trajetórias de vida em sociedade.

É importante notar como Dewey reconhece a eficácia de processos algorítmicos atuando na natureza. Quando se refere aos processos de renovação e regulação da vida, nos primeiros capítulos de *Democracia e Educação*, está sendo coerente com suas próprias afirmações publicadas no artigo citado por Dennett. Dewey rejeita explicações em termos de essências e categorias estabelecidas. Ele critica o padrão tradicional – pré-darwiniano - de conhecimento, segundo o qual “conhecer genuinamente é inferir um fim que realiza a si mesmo através das mudanças, retendo-as, deste modo, dentro das metas e limites da realidade fixa” (Dewey, 1997, p. 6). Ao invés de supor uma realidade acessível por meio de essências, propósitos e finalidades últimas, Dewey emprega outro expediente. Em suas palavras, emprega outra lógica, a lógica da mudança e da variação, inspirada pela compreensão evolutiva do mundo natural. Segundo ele:

Se todas as adaptações orgânicas dão-se simplesmente pela variação constante e eliminação daquelas variações que são nocivas na luta pela existência que é ocasionada pela reprodução excessiva, não há necessidade de uma primordial força causal inteligente para planejá-las e preordená-las (Dewey, 1997, p. 11-12).

Isto equivale a dizer que as mudanças acumulativas são efeito de processos que não estão sob o controle do propósito, intenção ou vontade particular de ninguém. E é este tipo de processo que recebe na presente discussão o nome de “algoritmo”.

O termo veio a ser oportunamente introduzido na discussão por Dennett. Segundo ele, a evolução é o resultado observável de um conjunto de algoritmos, cuja principal e mais conhecida formulação é o modelo de seleção natural de Darwin. Segundo ele: “Algoritmo é um tipo de processo formal no qual se pode confiar – logicamente – que produza uma espécie de

resultado sempre que for ‘posto para funcionar’ ou evidenciado” (Dennett, 1998, p. 52). A evolução é um processo deste tipo. A ênfase neste caso é que, embora não empregue este termo, John Dewey toma por base de suas reflexões a admissão de que processos automáticos - algoritmos – são responsáveis pelo estado de complexidade e adaptação que se observa nos diversos níveis da vida, desde o nível fisiológico até o nível da inteligência e da conduta comunicativa.

Mesmo as instituições sociais não escapariam a esta consideração. Ao discutir a origem da democracia, por exemplo, Dewey atribui esta origem ao desenvolvimento de condições sócio-ambientais adequadas e, portanto, está pronto para afirmar que a democracia não é uma criação proposital de ninguém. De acordo com Dewey,

a ampliação da área de interesses compartilhados e a libertação de maior diversidade de capacidades pessoais que caracterizam a democracia não são, naturalmente, resultado de deliberação e de esforço conscientes. Pelo contrário – suas causas foram o desenvolvimento das indústrias e do comércio, as viagens, migrações e intercomunicações que resultaram do domínio da ciência sobre as energias naturais (Dewey, 1959, p. 94).

O avanço da ciência, para Dewey, teve então, como um de seus efeitos, a ampliação da possibilidade da vida social compartilhada. Com isso a democracia veio a resultar do acúmulo de complexidade na conduta dos indivíduos e nas instituições sociais. David Hansen, em seu artigo “Reading Democracy and Education” (Hansen, 2007), reconhece a centralidade da concepção evolucionista na democracia conforme apresentada por Dewey no tratado de 1916. Ele comenta acerca disso o seguinte:

A ideia de evolução permanece decisiva para a democracia, de acordo com Dewey, porque ela revela que a humanidade não tem uma natureza predeterminada ou predefinida. É verdade que o horizonte de possibilidades e criatividade da humanidade permanece limitado por forças físicas, que podem elas mesmas estar evoluindo, mas o seu escopo é indeterminado. Este fato, para Dewey, leva à democracia precisamente porque torna suspeita toda

e qualquer alegação de que seja natural para um grupo de pessoas, dominar ou controlar outras de forma autocrática (Hansen, 2006, p.7).

Hansen se refere, nesta passagem, a processos e regularidades naturais, cujo mecanismo não depende de nenhum desígnio ou propósito particular. Bem como não podem ser relacionados com nenhum fim ou objetivo fixo e determinado. Mais ainda, Hansen detecta em *Democracia e Educação*, um argumento a favor da emergência evolutiva da forma democrática nas sociedades modernas, a partir justamente deste tipo de processos e regularidades, como os que acima são denominados de algoritmos. Embora, como parte da vida social, a democracia se submeta ao controle e previsão intencional, seu surgimento tem bem mais, para Dewey, dos ingredientes de um processo de emergência, ou de um processo evolutivo.

Eis o aspecto enfatizado por Dennett acerca de que a ideia de Darwin - inevitavelmente - possui consequências em outros campos do conhecimento. Este é um dos pontos filosoficamente mais relevantes da ideia de Darwin, e que Dennett denomina de *neutralidade de substrato*. Ela significa que qualquer sistema que apresente os ingredientes descritos pelo modelo de seleção natural irá - algorítmicamente - manifestar resultados correspondentes a um processo evolutivo, seja que se trate de genes em uma população, ou informações em um ambiente cultural. “*Esta ideia, de que todos os frutos da evolução podem ser explicados como produtos de um processo algorítmico, é a perigosa ideia de Darwin*” (Dennett, 1998, p. 63, em itálico no original). Em síntese, a evolução é um processo que não está restrito aos recortes operados pelos nossos hábitos e modas intelectuais. Uma forma de expressar esta mesma ideia com outras palavras é dizer que a evolução é um processo da vida e não apenas um processo da biologia.

Dennett reconhece a dificuldade relativa a esta consideração, já que muitas foram as tentativas de circunscrever o naturalismo evolutivo dentro de limites mais estritos, temendo seus efeitos ou suas más aplicações. Seria como se os anti-naturalistas dissessem: “Conceda a Darwin toda ou parte da biologia moderna, talvez, mas não o deixe passar daí! Mantenha as ideias darwinianas fora da cosmologia, da psicologia, da cultura humana, da ética,

da política e da religião!” (Dennett, 1998, p. 66). Contudo, esta restrição é impossível de sustentar, a não ser que se afirme uma dualidade substancial entre a natureza e os produtos da inteligência. Esta dualidade é oposta ao naturalismo, e é criticada amplamente por Dewey em seu artigo de 1910. Também em *Democracia e Educação* ele reafirma sua posição de que, para a vida social, “assim como à vida em sua mera significação fisiológica, se aplica o princípio da continuidade por obra da renovação” (Dewey, 1959, p. 2). Este reconhecimento é o que Dennett denomina de neutralidade de substrato do princípio evolutivo, um ponto de vista com o qual Dewey certamente concordaria.

Veja-se, por exemplo, a seguinte passagem:

Com o renovar da existência física, também se renovam, no caso dos seres humanos, as crenças, ideais, esperanças, venturas, sofrimentos e hábitos. Assim se explica, com efeito, a continuidade de toda a experiência, por efeito da renovação do agrupamento social (Dewey, 1959, p. 2).

Em outras palavras, poder-se-ia sugerir que não há valores apartados da natureza na pedagogia que Dewey erige sobre tais bases. Os ideais mais elevados, os objetivos mais gerais da educação, vinculam-se a um grande projeto natural, determinado pelo próprio movimento da vida, e nunca por preceitos exteriores, seja de ordem especulativa ou revelada. Mesmo a cultura e a sociedade, na medida em que são fenômenos resultantes do compartilhamento de significados, estão submetidas ao processo natural.

Dennett denomina este grande princípio de geração das estruturas naturais e sociais de *Princípio de Acumulação de Projetos* (Dennett, 1998, p. 71). Do mesmo modo como Dewey afirma na passagem citada acima, Dennett considera que, em conformidade com um princípio geral de acumulação de projetos no mundo natural, “uma coisa projetada, portanto, é uma coisa viva, ou parte de uma coisa viva, ou ainda o artefato de uma coisa viva” (Dennett, 1998, p. 72). Este princípio teórico pode ser usado para explicar o nascimento da educação formal. A sociedade acumula tanta complexidade que é preciso desenvolver um órgão – ou artefato - com a

função específica de transmissão da vida social. Embora não anunciado expressamente com tal denominação, este princípio é o mesmo empregado por Dewey a fim de desenvolver suas concepções sobre educação. Vemo-lo em ação, por exemplo, para explicar o surgimento da educação formal, como efeito do inevitável aumento de complexidade da vida social, diante do acúmulo de projetos a serem transmitidos e reconstruídos.

### Natureza, mente e significado

Em sua argumentação, Dennett faz alusão a Dewey como o precursor da ideia de que os significados têm sua origem em processos naturais. Dewey é escolhido como referência por Dennett, pois estende a ideia de Darwin para o âmbito do comportamento humano, da inteligência e da sociedade. Segundo Dewey: “A influência de Darwin sobre a filosofia reside em sua conquista do fenômeno da vida para o princípio de transição, e então em libertar a nova lógica para sua aplicação à mente, à moral e à vida” (Dewey, 1997, p. 8-9). Aqui ele assume claramente a atitude característica do naturalismo evolutivo. Se esta atitude for mantida de forma coerente e honesta, isso implica em que qualquer explicação das características e artefatos desenvolvidos pelos seres humanos deve levar em conta o alcance do processo evolutivo.

No caso específico do significado, Dennett reconhece a contribuição de Dewey para o debate ao afirmar, por exemplo, que: “John Dewey esclarecera que o darwinismo deveria ser aceito como o fundamento para qualquer teoria naturalista do significado” (Dennett, 1998, p. 421). A proposta de Dennett é de que os significados que dão origem à linguagem e a comunicação e, portanto, à própria vida social, possuem uma história que deve ser reconstruída em termos evolutivos. Tomando esta noção como válida, a consequência que se extrai é que o significado de alguma coisa – de uma palavra, de uma imagem, de um gesto – depende da forma como esta coisa funciona num contexto compartilhado.

Mais especificamente, o significado de alguma coisa depende da atitude dos indivíduos a respeito da referida coisa, no contexto das condições de seu ambiente social. O que isto implica é que, para além de

sua função socialmente reconhecida, nenhum artefato possui qualquer tipo extra de significado. E que nenhuma intencionalidade de qualquer tipo é capaz de dar a um objeto, símbolo ou artefato este tipo transfuncional de significado. Assim, um artefato, um conjunto de símbolos, uma sentença em algum idioma, um ato de fala, um gesto comunicativo “não significará nada até se estabelecer em determinado papel funcional” (p. 431). Dennett está montando seu ponto em torno da tese de que os significados verbais - de que depende a comunicação, a cooperação e a aprendizagem pela interação social – evoluem a partir de formas antecedentes e mais simples de significado. Esta visão de gradativo desenvolvimento deve ser incorporada na explicação tanto do significado quanto dos próprios significadores, os seres humanos. O erro da filosofia tradicional, segundo Dennett, é que

concentrando-se primeiro no significado linguístico, os filósofos distorceram sua visão das mentes das quais essas palavras dependem, tratando-as mais ou menos como *sui generis*, e não como sendo elas mesmas produtos evoluídos do mundo natural” (Dennett, 1998, p. 420).

O ponto importante é que Dewey não recai neste erro. Sua teoria dos significados é fortemente caracterizada pela ação compartilhada dos agentes no meio social. Esta ação é o processo a que Dewey dá o nome de comunicação.

Segundo a noção deweyana, a comunicação é a ação coordenada dos agentes. A comunicação como ação compartilhada no ambiente social, em vista de interesses comuns é o que dá origem aos significados. Na comunicação entendida como ação compartilhada, os símbolos e sentenças adquirem significado somente após adquirirem um assim chamado “papel funcional”. E por isso a linguagem, enquanto estrutura semântica, como afinal é geralmente compreendida, é resultante da comunicação, não é sua condição. Isto porque não há estrutura semântica possível anteriormente ao estabelecimento de condições ambientais que designem para as sentenças e palavras, quais são suas funções específicas naquela situação. O comportamento coordenado, a ação compartilhada segundo interesses

mantidos em comum, é a condição ambiental especificadora das funções significativas das sentenças e palavras.

Acerca disso, Hickman acrescentaria que nenhum objeto ou nenhum fato possui significado por si mesmo. Fatos e objetos, para Dewey, recebem significação apenas em função dos interesses mantidos pelos indivíduos no processo da experiência. Em suas palavras: “Visto do ponto de vista de seu método evolutivo ou genético, abrigado como ele é no naturalismo evolutivo, fatos são sempre fatos de um caso e são selecionados na base de interesses, envolvendo valores” (Hickman, 2008, p. 127). Em outros termos, é a vida social que reveste a linguagem de seu significado, e este permanece a partir de então – de sua emergência no ambiente social – submetido às exigências funcionais da vida social.

É nisso que Dewey insiste: ao abandonar “a filosofia do fixo e do final”, não se está abandonando o caráter original e criativo da comunicação, mas apenas a ideia de que deve haver algo impenetrável, misterioso e irredutível na sua origem. Não há. Dewey concorda com a continuidade entre processos naturais e processos sociais. Ele concorda plenamente com isso, a ponto de afirmar textualmente que a educação é uma função adaptativa da vida. E mais ainda, quando afirma que a função da educação é manter a transmissão com variação da vida social, ele abre a possibilidade de que toda a discussão sobre o significado reivindique suas consequências para a visão que se tem da educação. O que “educação” significa, só significa por alusão a uma função em determinado ambiente social. Mais ainda, o que a educação faz ao indivíduo ao educar, é controlar o crescimento de hábitos e disposições mentais, que devem participar da utilização, da transmissão e da reconstrução adaptativa dos significados compartilhados pelos grupos sociais, dos quais o sujeito da educação pretende fazer parte.

Ora, esta teoria ambiental da comunicação funciona integrada a uma concepção da mente, segundo a qual, em acordo com Dewey:

Pelo intercâmbio social, pela participação em atividades que incorporam as crenças, o indivíduo aos poucos adquire uma mente por si mesmo. A

concepção de mente como posseção do eu puramente isolada é o oposto da verdade (Dewey, 1959, p. 325).

O indivíduo gradativamente forma uma mente. Seria difícil especificar o sentido de um termo tão complexo como “mente” no espaço desta investigação. Mas o que quer que esta palavra signifique precisamente no discurso de Dewey, “mente” sem dúvida se refere a uma função, ou um conjunto de funções, adquiridas pelo indivíduo ao longo de um processo de desenvolvimento, cujo território é o ambiente social, com suas circunstâncias exigindo comunicação com os outros indivíduos.

Jerome Popp acrescenta ao tratamento deste tema o seguinte:

A evolução nos mostra que o fenômeno das coisas vivas só é adequadamente explicado em termos da continuidade do crescimento, que é a característica central da teoria. Dewey capturou este traço de todas as coisas vivas e viu que qualquer análise adequada e viável da cognição humana deverá respeitar o princípio de continuidade, que significa que mente, consciência e conhecimento devem ser descritos na mesma linguagem de constante mudança contínua exigida para expressar a teoria evolutiva (Popp, 2007, p. 83).

Uma teoria centrada em torno da ideia de continuidade e de evolução - como é a teoria de Dewey - exige que o estudioso empregue princípios evolutivos em todas as suas explicações. O conhecimento, a comunicação, a inteligência são, por esta via, incluídos no grande processo geral de acumulação de projetos cujo resultado esperado é a interação adaptativa entre os indivíduos e seu meio ambiente. É a esta demanda que o autor de *Democracia e Educação* espera satisfazer ao delinear o traçado de sua teoria educativa.

### Considerações finais

Os desenvolvimentos propostos por Dennett a fim de delinear as bases de uma discussão filosófica em termos darwinianos, na medida em que se referem ao pensamento de Dewey, são relevantes para a reconstrução da compreensão da herança educacional deste último. Em outras palavras,

poder-se-ia sugerir que não há valores apartados da natureza na pedagogia que Dewey erige sobre tais bases. Os ideais mais elevados, os objetivos mais gerais da educação, vinculam-se a um grande projeto natural, determinado pelo próprio movimento da vida, e nunca por preceitos exteriores, seja de ordem especulativa ou revelada. Mesmo a cultura e a sociedade, na medida em que são fenômenos resultantes do compartilhamento de significados, estão submetidas ao processo evolutivo.

A educação é um efeito do acúmulo de complexidade representado pelo processo evolutivo. Mas, além disso, a educação é uma causa do acúmulo de complexidade. A educação – principalmente em sua versão formal – é um órgão de transmissão da herança socialmente acumulada. Claro está que sua genuína função não é meramente a de reproduzir e copiar os hábitos, conhecimentos e valores que transmite. Sua função é a de garantir a modificação e a readequação desta herança, por meio do uso renovado que os indivíduos podem vir a fazer dela. A educação, e principalmente a educação formal, é um órgão ou instrumento social, cuja função é assegurar a “acumulação de projetos” necessária à continuidade da vida. Por meio deste órgão – a educação – as sociedades processam e reconstróem os componentes epistemológicos, morais, técnicos de sua vida, a fim de assegurar a adaptação de seu legado ao ambiente, e seu contínuo crescimento.

## Referências

DEWEY, John. (1910). *The Influence of Darwin on Philosophy and Other Essays*. New York: Prometheus Books. 1997.

DEWEY, John. (1916). *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1959.

DEWEY, John. (1925). *Experience and Nature*. London: Allen & Unwin Ltd. 1929.

DENNETT, Daniel. (1995). *A Perigosa Idéia de Darwin*. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

- GARRISON, Jim. "Reconstructing Democracy and Recontextualizing Deweyan Pragmatism". In: *Reconstructing Democracy, Recontextualizing Dewey*. New York: State University of New York Press. 2008.
- HANSEN, David T. (Ed.). "Reading *Democracy and Education*". In: *John Dewey and our educational prospect – A critical engagement with Dewey's Democracy and Education*. Albany: State of New York University Press. 2007.
- HICKMAN, Larry. "Evolutionary naturalism, Logic and Lifelong Learning: Three Keys to Dewey's philosophy of Education". In: *Reconstructing Democracy, Recontextualizing Dewey*. New York: State University of New York Press. 2008.
- MATOS, José Claudio. "Educação como adaptação – a experiência segundo John Dewey". *Filosofia e Educação*, Vol. 2, No. 2. Campinas: Paideia. 2010, pp. 481-501.
- POPP, Jerome. *Evolution's First Philosopher – John Dewey and the Continuity of Nature*. Albany: State University of New York Press. 2007.